

O ABASTECIMENTO ALIMENTAR HORTIFRÚTI EM PICOS - PI: AS INTERAÇÕES ESPACIAIS DA PRODUÇÃO AO CONSUMIDOR FINAL

Claudinei da Silva Pereira

Instituto Federal do Piauí (IFPI), Campus Picos

E-mail: claudinei.kau@gmail.com

Nildemar Pereira da Silva

Instituto Federal do Piauí (IFPI), Campus Picos

E-mail: nildemar.silva@ifpi.edu.br

Ana Beatriz Santos Silva

Universidade Federal do Piauí (UFPI)

E-mail: anabeatriz1718.co@gmail.com

Resumo

O abastecimento alimentar urbano é o resultado da integração entre campo e cidade, mediada por um conjunto de agentes sociais e econômicos, com interesses específicos. Este trabalho visa analisar a procedência dos alimentos hortifrútis comercializados nos estabelecimentos supermercadistas e feiras livres em Picos – Piauí. A pesquisa de campo envolveu a aplicação de dois tipos de questionários semiestruturados. Nas feiras livres, foram aplicados 38 questionários aos feirantes nas duas feiras existentes. Nos estabelecimentos supermercadistas, que possuem setor de hortifrútis, foram aplicados nove questionários. A produção hortícola regional foi levantada a partir do Censo Agropecuário de 2017 do IBGE. Conclui-se, a partir dos dados, que há restrita produção em termos municipais, tornando a mesorregião comandada por Picos com baixa produção e significativa importadora de alimentos, os quais percorrem longas distâncias entre as áreas de produção e consumo final, potencializando a atuação de agentes atravessadores.

Palavras-chave: Produção agrícola; Comércio varejista; Feiras livres.

THE FRUIT AND VEGETABLE FOOD SUPPLY IN PICOS - PI: SPATIAL INTERACTIONS FROM PRODUCTION TO THE FINAL CONSUMER

Abstract

Urban food supply is the result of the integration between the countryside and the city, mediated by a set of social and economic agents with specific interests. This study aims to analyze the origin of fruit and vegetables sold in supermarkets and street markets in Picos, Piauí. The field research involved the application of two types of semi-structured questionnaires. In the street markets, 38 questionnaires were applied to the stallholders in the two existing markets. In the supermarkets, which have a fruit and vegetable sector, nine questionnaires were applied. The regional vegetable production was surveyed from the 2017 IBGE Agricultural Census. It can be concluded, from the data, that there is limited production in municipal terms, making the mesoregion commanded by Picos with low production and significant importer of food, which travels long distances between the areas of production and final consumption, enhancing the action of intermediary agents.

Keywords: Agricultural production; Retail trade; Street markets.

EL ABASTECIMIENTO ALIMENTARIO DE FRUTAS Y HORTALIZAS EN PICOS - PI: INTERACCIONES ESPACIALES DESDE LA PRODUCCIÓN HASTA EL CONSUMIDOR FINAL

Resumen

El abastecimiento alimentario urbano es el resultado de la integración entre el campo y la ciudad, mediada por un conjunto de agentes sociales y económicos, con intereses específicos. Este trabajo tiene como objetivo analizar el origen de las frutas y hortalizas comercializadas en supermercados y feria libre de Picos – Piauí. La investigación de campo implicó la aplicación de dos tipos de cuestionarios semiestructurados. En los mercados al aire libre se aplicaron 38 cuestionarios a los comerciantes en dos localidades existentes. En los supermercados que disponen de sección de frutas y hortalizas se aplicaron nueve cuestionarios. La producción hortícola regional fue relevada con base en el Censo Agropecuario IBGE 2017. Se concluye, de los datos, que existe una producción restringida en términos municipales, haciendo de la mesorregión comandada por Picos una región con baja producción y un importante importador de alimentos, que recorre largas distancias entre las zonas de producción y consumo final, potenciando la acción de los agentes intermediarios.

Palabras clave: Producción agrícola; Comercio al por menor; Mercados libres.

Introdução

O abastecimento alimentar urbano é o resultado da integração contraditória e complementar do campo e da cidade, mediada por um conjunto de agentes sociais e econômicos com interesses específicos. A integração se efetiva através da construção de espaços geográficos construídos historicamente, denominados de mercado (Polanyi, 2000), que marca o encontro entre os interesses dos agentes da produção, distribuição e consumidores.

Com o intuito de estudar e refletir sobre essa dinâmica, propõe-se, neste trabalho, analisar a procedência dos alimentos hortifrútis comercializados nos estabelecimentos supermercadistas e feiras livres em Picos – PI. A interação espacial e social entre produtores e consumidores é mediada por um conjunto de agentes intermediários, isto é, os atravessadores e o setor supermercadista, integrantes da economia contemporânea.

O circuito espacial produtivo dos hortifrútis é ampliado espacialmente devido à lógica subjacente de converter os alimentos numa perspectiva mercadológica, resultando em maiores distâncias percorridas entre as áreas de produção e de consumo final, ou, segundo o termo difundido por Esteve (2017), os “alimentos viajantes”, responsáveis pelo massivo consumo de combustíveis no transporte.

Nesse processo, os hortifrútis que compõem o *mix* de produtos do sistema alimentar urbano estão centralizados nos agentes econômicos do setor supermercadista e atravessadores. O primeiro se estrutura em estabelecimentos de média a alta capacidade de

atração de clientes, enquanto o segundo se torna um agente preponderante para suprir a demanda de feirantes em Picos, de acordo com o resultado das entrevistas realizadas.

Valério (2023, p. 244), ao analisar a mudança da perspectiva do alimento e sua transmutação em mercadoria, afirma que “os sujeitos locais não detêm o controle sobre os fluxos alimentares, de maneira que a alimentação das pessoas depende de escolhas realizadas por sujeitos cujas prioridades remontam à lógica da especulação e do lucro, e não na qualidade e acessibilidade da alimentação”.

A relação rural-urbano é importante na produção de alimentos para o abastecimento urbano, sendo valorizadas as produções locais, a economia de proximidade e as questões de identidade (Wanderley, 2009). A consolidação das relações entre agricultores familiares e a cidade é constitutiva das estratégias de reprodução social destas pessoas, tendo em vista que o mercado consumidor local para seus produtos potencializa os laços de integração e fomenta a justiça social via redução das desigualdades socioeconômicas, somado ao processo de sucessão no campo ao possibilitar a manutenção das famílias nas atividades agropecuárias. A conformação de circuitos espaciais de produção curtos é uma necessidade para reforçar os laços de solidariedade e coesão territorial no contexto de espaços urbanos e rurais, marcados pela escassez de oportunidades econômicas para a população.

O aprofundamento da discussão se efetivará em cinco tópicos neste artigo: procedimentos metodológicos; produção hortícola regional; o setor supermercadista e sua atuação no setor hortifruti em Picos; as feiras livres como espaços de comercialização e sociabilidade; e conclusões finais, além desta introdução.

Procedimentos metodológicos

O recorte espacial da pesquisa foi a cidade de Picos - PI, por ser a principal urbe da mesorregião Sudeste do Piauí, a qual devido à dimensão demográfica e por exercer a centralidade na rede urbana local, concentra os principais estabelecimentos do setor supermercadistas formados por capitais local, regional e nacional/internacional, evidenciando a complexificação do capital mercantil e suas interações com os circuitos espaciais produtivos do setor de hortifruti.

A pesquisa de campo envolveu a aplicação de dois tipos de questionários semiestruturados com o intuito de aprofundar as características dos estabelecimentos e levantar as procedências dos alimentos hortifrútis. No setor supermercadista, foram entrevistados os gerentes ou pessoas designadas em nove estabelecimentos, com a

intencionalidade de produzir dados sobre a área de venda total do estabelecimento, do setor de hortifrúti, da origem dos produtos, do número de funcionários, das relações que a empresa mantinha com fornecedores e das políticas de preços dos alimentos hortícolas em relação à concessão de descontos em determinados dias, que as empresas denominam dia da “feirinha”. Os estabelecimentos foram selecionados levando em consideração a existência de uma seção que comercializa produtos hortifrútis. Nesse sentido, havia estabelecimentos classificados como mercado de vizinhança, que, pela dimensão da área de vendas, não possuía a seção, logo não foi aplicado questionário.

Nas feiras livres, foram aplicados 38 questionários aos feirantes nas duas únicas feiras existentes em Picos, sendo 22 na área central e 16 no bairro Junco. A feira do centro é contígua ao mercado municipal e é composta por uma área com bancas permanentes, funcionando de segunda-feira a sábado, enquanto outra parte é temporária, tendo atuação apenas aos sábados, quando feirantes de Picos e de outros municípios próximos instalam suas estruturas ao longo das vias públicas. Os questionários foram aplicados em um sábado para englobar os diferentes feirantes. A feira do bairro Junco acontece aos domingos, especificamente no período matutino. O total de questionários foi consequência de haver a repetição nas respostas dos feirantes em relação à procedência dos alimentos por eles comercializados, uma das questões norteadoras que a pesquisa visava averiguar.

As perguntas do questionário aos feirantes focalizaram a procedência dos alimentos, isto é, visando compreender se o entrevistado era o responsável pela produção ou adquiria parte ou a totalidade dos alimentos comercializados, o uso do trabalho familiar ou se era contratado para atuar na banca, quais feiras participava, a quanto tempo estava na função, qual a renda gerada e, ainda, qual o meio de transporte que utilizava para levar os produtos à feira.

Os dados secundários que versam sobre a produção hortícola regional foram organizados a partir do Censo Agropecuário de 2017 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em decorrência do maior rigor das informações, em contraposição à pesquisa agrícola municipal que não é censitária. Os dados possibilitaram tabular os tipos de produção hortícola nos 65 municípios que compõem a Mesorregião Sudeste do Piauí, na qual Picos é a cidade polo. Foram confeccionados cartogramas dos sete tipos de hortaliças mais significativos em termos de produção e de produtores. A espacialização evidenciou a lógica de restrita produção em termos municipais e de produtores, tornando a mesorregião comandada por Picos com baixa produção e significativa importadora de alimentos. Esse

fato, em parte, relaciona e fomenta a ação de intermediários no abastecimento de alimentos produzidos em outros estados para serem consumidos em Picos. Os alimentos tendem a percorrer distâncias maiores entre as áreas de produção e de consumo final.

Esteve (2017) refere-se a este alongamento espacial entre áreas de produção e de consumo como os “alimentos viajantes”, prática fomentada pelos agentes econômicos vinculados à distribuição, que traz como consequência a elevação no consumo de combustíveis no transporte e a competição desigual com os produtores locais, que, porventura, não conseguem competir em termos de níveis tecnológicos e preços.

Nos estabelecimentos supermercadistas e nas feiras livres de Picos, a pesquisa demonstra que os alimentos provêm de áreas distantes, em alguns casos até da região Sudeste. O alongamento do circuito espacial produtivo traz complicações de ordem logística, de preços e atua como empecilho para os pequenos produtores locais expandirem seu mercado consumidor. O capital supermercadista e os intermediários se apoiam na constituição da distribuição em rede para alavancar os lucros.

No levantamento realizado não foi possível obter uma precisão em relação aos municípios de produção dos alimentos, visto que, no questionário, os entrevistados mencionavam as Centrais de Abastecimento (Ceasas) ou os feirantes que adquiriam de atravessadores que compravam na Ceasa de Juazeiro, Bahia. No caso dos atacarejos pesquisados, a geografia dos alimentos é complexa devido à existência de centros de distribuição e de departamentos especializados no setor de hortifruti, evidenciando que as procedências vão além da região Nordeste.

A abordagem dos alimentos viajantes (Esteve, 2017) considera as mudanças ocorridas nas últimas décadas, como o deslocamento das áreas de produção e a formação de regiões especializadas em determinados grupos de produtos. Em decorrência da atuação de agentes de intermediação e dos grandes grupos supermercadistas, tais alimentos percorrem longas distâncias até chegar aos consumidores finais. Nesse sentido, ocorre a redução da participação dos alimentos produzidos localmente em detrimento daqueles de outros estados.

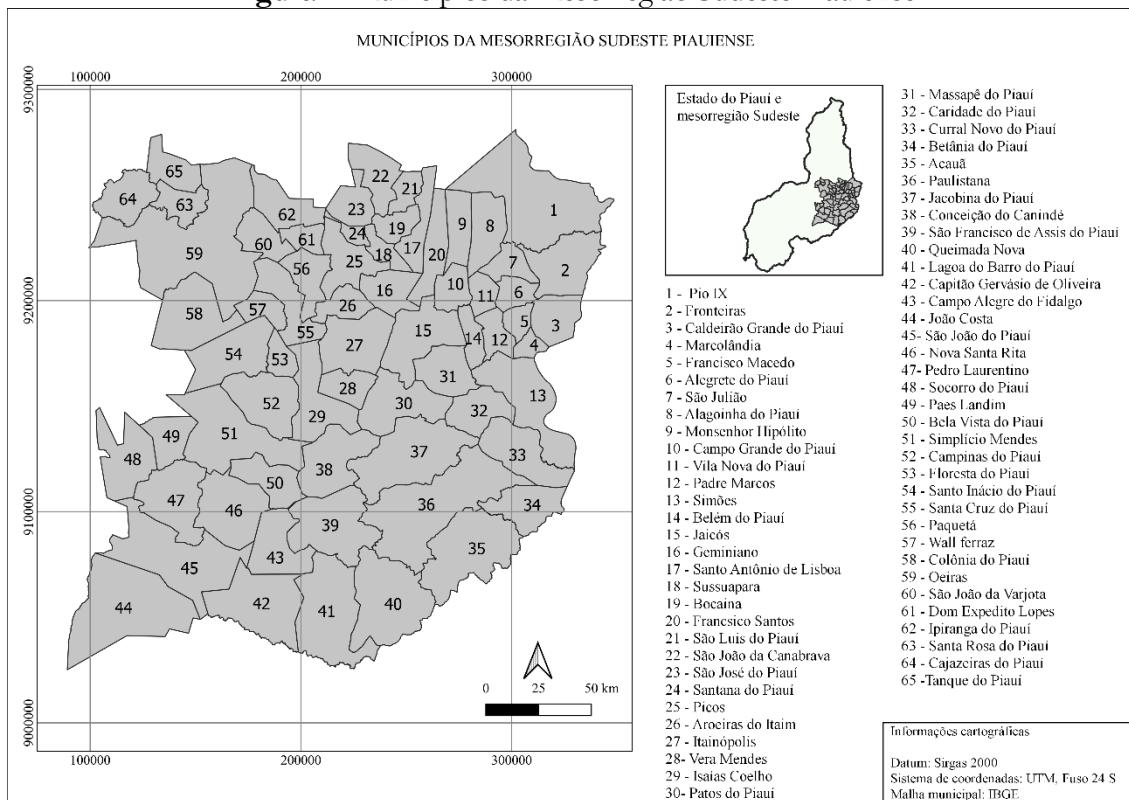
Produção hortícola na região de Picos

A cidade de Picos se encontra localizada no sudeste piauiense, região semiárida, estando a cerca de 310 km de Teresina, capital do estado. Sua gênese vincula-se às atividades pastoris realizadas por criadores de gado nas várzeas do rio Guaribas no século XIX, que

originou a formação de um núcleo de povoamento (Pereira e Silva, 2025). No século XX, o município de Picos se destacou na produção de alho, atividade importante na economia local, atualmente praticamente inexistente.

A mesorregião sudeste do Piauí, na qual Picos é a principal urbe, é composta por 65 municípios, como pode ser observado na Figura 1. Em termos demográfico, segundo o Censo Demográfico de 2022, considerando residentes urbanos e rurais nos 65 municípios que compõem a delimitação dos dados revela que: 55 municípios possuem menos de 10 mil habitantes, enquanto seis estão na faixa de 10 a 20 mil residentes, dois com aproximadamente 21 mil, um na faixa de 38 mil (Oeiras), e Picos com 83 mil residentes. Este aspecto demonstra que a rede urbana local é formada majoritariamente por cidades de porte demográfico pequeno, reforçando a centralidade comercial exercida por Picos.

Figura 1. Municípios da Mesorregião Sudeste Piauiense.



Fonte: Brasil – IBGE, Malha municipal 2024.

Os dados do Censo Agropecuário de 2017 evidenciam a baixa produção hortícola nos municípios da região de Picos. Dentre os fatores que contribuem para essa realidade, destacam-se as dificuldades de os agricultores acessarem às tecnologias para lidarem com as condições socioambientais adversas: estiagem prolongada, temperaturas médias elevadas em

parte expressiva do ano, restrição à água para irrigação – uma vez que os rios são intermitentes - e há limitações no crédito agrícola.

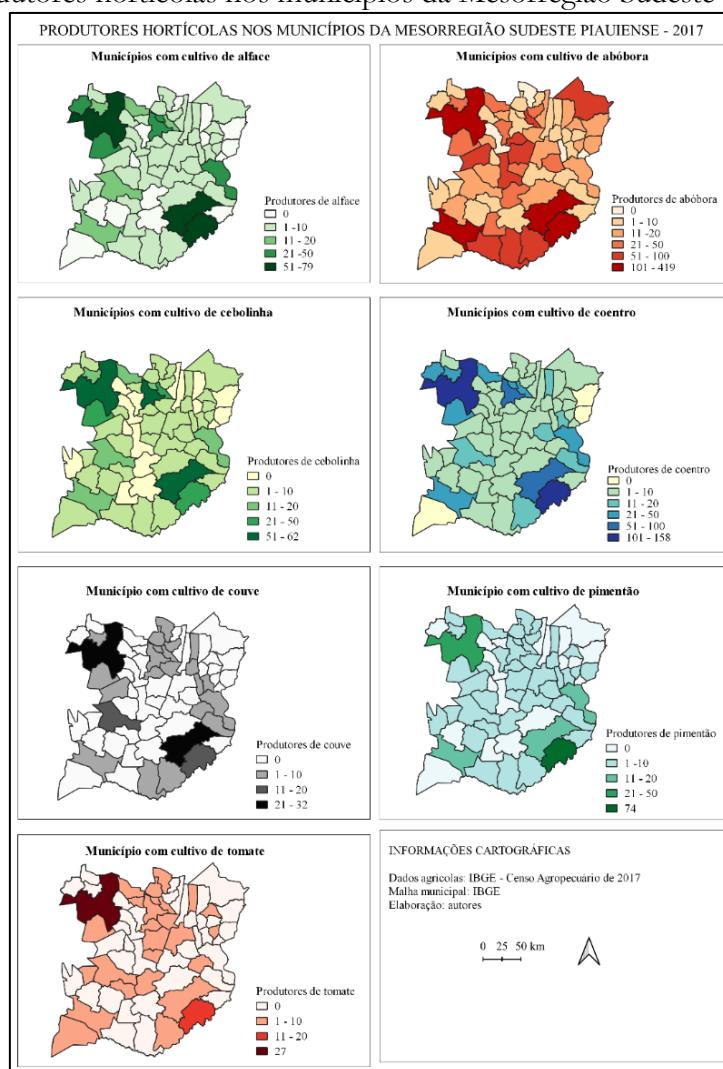
Outro aspecto que pode estar relacionado à restrita produção hortícola é a baixa capacidade de as populações urbanas como potenciais consumidoras no âmbito local, levando-se em consideração a dimensão demográfica destas urbes, que torna circunscrito o mercado de consumo para os agricultores investirem no setor hortícola.

A atividade hortícola na região enfrenta elevados riscos devido a diversos fatores limitantes: a escassez de sementes de qualidade, a ausência de agentes especializados na produção de mudas - realidade diferente de outros estados da federação (Pereira, 2020) -, a assistência técnica precária para o manejo adequado dos cultivos e a falta de recursos financeiros para melhorar a infraestrutura produtiva. Essas condições restringem a permanência das famílias nessa atividade.

Como aponta Wanderley (2009), essa dinâmica de precariedades é característica da agricultura familiar, afetando tanto o desempenho produtivo quanto a qualidade de vida no campo. Os problemas decorrem da baixa remuneração do trabalho agrícola e do fato de parte da renda da terra ser apropriada por atravessadores situados nas zonas urbanas.

A figura 2, a seguir, espacializa os principais cultivos em termos de número de produtores nos 65 municípios que fazem parte da Mesorregião Sudeste do Piauí. Evidencia-se, com isso, a restrita difusão de agricultores no ramo de hortaliças. A alface em 15 municípios não apresentou produtores; além disso, não foi contabilizado produtores de couve em 48 municípios. A cebolinha e coentro foram os alimentos mais difundidos em termos municipais, condimentos apreciados na culinária regional.

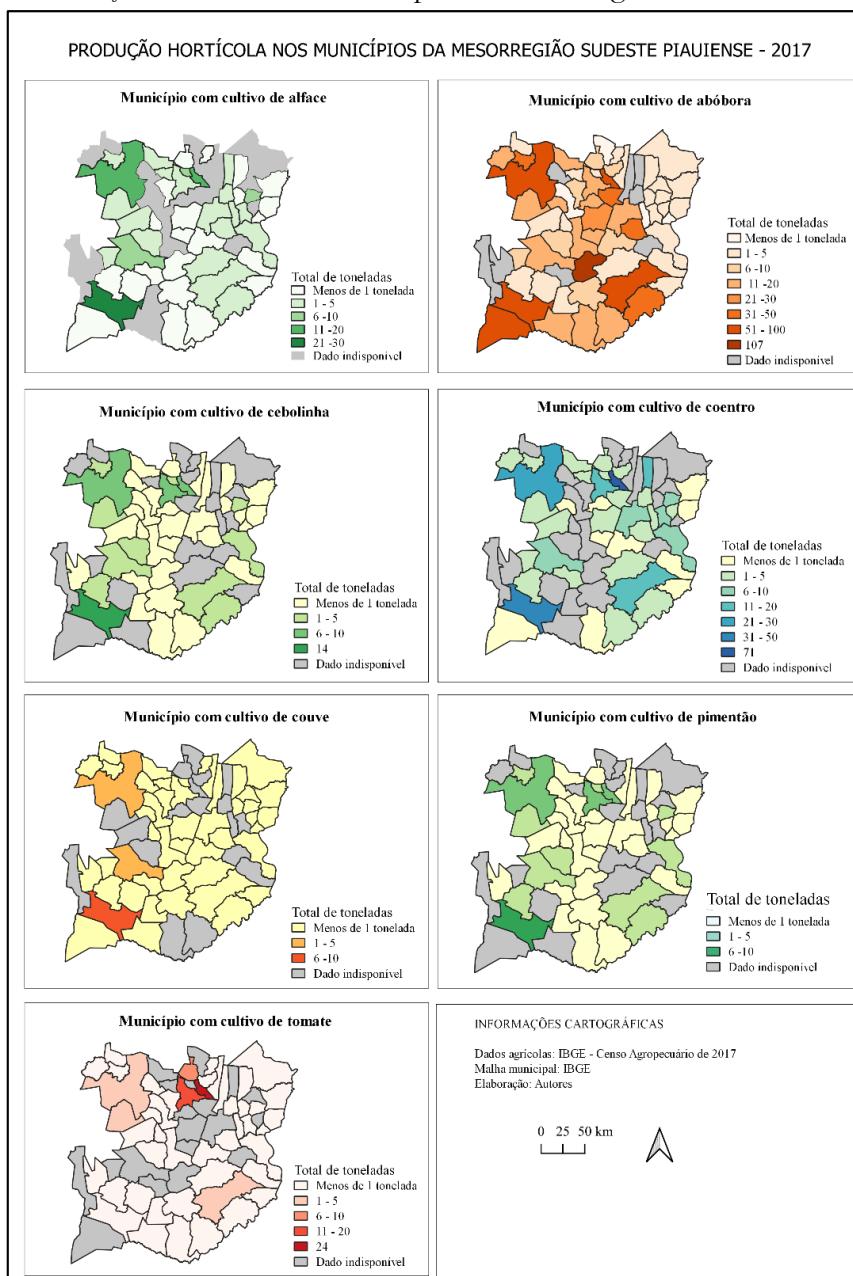
Figura 2. Produtores hortícolas nos municípios da Mesorregião Sudeste Piauiense, 2017.



Fonte: Brasil - IBGE - Censo Agropecuário, 2017.

Ao considerar a quantidade colhida (Figura 3), percebe-se que há uma relação direta entre o número de produtores e a produção hortícola. As maiores produções em toneladas foram as de alface, abóbora e coentro, porém com produções abaixo de 100 toneladas por município, evidenciando que mesmo no grupo das hortaliças folhosas o cultivo enfrenta sérios problemas. A abóbora, por exemplo, apresentou baixa produção, com apenas um município com colheita acima de 100 toneladas.

Figura 3. Produção hortícola nos municípios da mesorregião Sudeste Piauiense, 2017.



Fonte: Brasil - IBGE - Censo Agropecuário, 2017.

A produção e a baixa diversificação das produções hortícolas, provavelmente, foi intensificada a partir da difusão dos estabelecimentos atacarejos em Picos na última década, quando foram instalados. A restrição de produtores locais com capacidade operacional para atender aos requisitos impostos pelas grandes lojas, elas tiveram que construir rede de fornecedores de outras localidades, reduzindo parte do mercado potencial para os pequenos agricultores, que passaram a concorrer com grupos econômicos com capacidade de vendas elevadas em razão do poder de atração de clientes a suas lojas.

No contexto da divisão territorial do trabalho, a Mesorregião Sudeste Piauiense se caracteriza pela baixa produção hortícola, o que favorece a atuação de agentes intermediários na comercialização de alimentos provenientes de outras regiões. Essa dinâmica gera dois efeitos contraditórios: por um lado, garante o abastecimento alimentar local; por outro, amplia as distâncias de circulação, dificultando a competitividade dos pequenos produtores regionais em termos de preços.

Nesse cenário, torna-se necessária a consolidação de políticas públicas para incentivar a diversificação e o aumento da produção nos âmbitos local e regional, como instrumento dos circuitos curtos em sua dimensão espacial e na redução de atravessadores, aspectos estes que contribuiriam para aumentar a renda dos agricultores, a geração de postos de trabalho e o crescimento da economia local, tendo em vista que parcela maior da renda da comercialização circularia nos municípios. Discute-se, em contraposição, no próximo item, como o setor supermercadista corrobora no processo de alongamento dos circuitos espaciais de hortifrútis em Picos.

O setor supermercadista e as implicações no abastecimento alimentar em Picos

A dimensão geográfica dos processos de concentração do capital mercantil no setor supermercadista manifestou-se de maneira significativa nas últimas décadas, com a expansão das redes de capitais nacionais e multinacionais. Esse movimento, que anteriormente se restringia às capitais e grandes cidades brasileiras, difundiu-se progressivamente para centros urbanos de porte médio, acarretando importantes transformações na estrutura comercial. Tal processo gerou novas implicações no que diz respeito à concorrência, promoveu mudanças na dinâmica do comércio urbano – especialmente em função da localização estratégica das grandes superfícies comerciais – e alterou as práticas espaciais dos consumidores urbanos. Para Silva (2005, p. 615), “os supermercados significam a concentração financeira e territorial do capital, pois passaram a oferecer em um único local grande diversidade de produtos”.

Nessa mesma linha de raciocínio, Concha-Amin e Aguiar (2006) destacam que o setor supermercadista brasileiro passou por um intenso processo de concentração durante os anos 1990. Esse fenômeno deveu-se, por um lado, às profundas mudanças estruturais na economia nacional e, por outro lado, à entrada expressiva de grupos varejistas estrangeiros no mercado brasileiro, processo este marcado por sucessivas fusões e aquisições que reconfiguraram o panorama do varejo alimentar no país.

Bezerra e Agner (2021, p. 2) entendem que o crescimento das redes supermercadistas de capitais nacional e internacional nas grandes cidades esteve vinculado a fatores como potencial de consumo dessas urbes. Para eles: “Os supermercados estabelecem na contemporaneidade um verdadeiro exercício de gestão territorial que passa a ser condição *sine qua non* para sua existência na economia de fluxos, característica da globalização”. Processo que se vincula à expansão, crescimento e concentração empresarial que aumentou o poder do setor supermercadista sobre fornecedores e consumidores (Segrelles, 2010; Esteve, 2017), com implicações no comércio tradicional de alimentos no aspecto da restrição de sua parcela de consumidores, visto a maior capilaridade das redes supermercadistas.

As grandes redes supermercadistas de capital nacional ou internacional, a partir da década de 1990, converteram-se em importantes agentes econômicos que condicionam e influenciam a cadeia agroalimentar (Segrelles, 2010). Esteve (2017, p. 187) pontua o seguinte:

E não param por aí as consequências negativas que a grande distribuição causa para os envolvidos na cadeia de produção, distribuição e consumo. Desde os camponeses, que são os maiores perdedores, obrigados a acatar termos comerciais insustentáveis, que os condenam a desaparecer, passando pelos consumidores, instados a comprar acima de suas necessidades, produtos de má qualidade e não tão baratos quanto parecem, até o tecido econômico local, que é fragmentado e decomposto. Este é o paradigma de “desenvolvimento” que promovem os supermercados.

Essa dinâmica evidencia como os fornecedores e as escalas espaciais são afetados pelas grandes redes varejistas. Os alimentos tendem a percorrer distâncias cada vez maiores devido às interações entre os agentes de produção, distribuição e os supermercados. No estado do Piauí, onde a rede urbana é composta predominantemente por cidades de pequeno porte - com exceção da capital Teresina (866 mil habitantes) e Parnaíba (aproximadamente 160 mil habitantes) -, observa-se a crescente importância dos centros urbanos com população inferior a 100 mil habitantes como locais de atuação para redes supermercadistas de abrangência regional e nacional.

O município de Picos, com seus 83 mil habitantes e por representar a terceira maior concentração demográfica do Piauí, destaca-se como um caso exemplar dessa dinâmica. Sua atratividade demonstra a estratégia de expansão do capital varejista para cidades que, até recentemente, eram dominadas por capitais locais. Atualmente, o município vem passando por um processo de complexificação em sua estrutura organizacional, com a diversificação dos formatos de lojas: desde mercados de vizinhança até supermercados e atacarejos, conforme a classificação da Associação Brasileira de Supermercados (ABRAS, 2024).

A Tabela 1 confirma que as lojas implantadas por capitais regionais e nacionais surgiram a partir de 2008 com o formato de atacarejo, inicialmente introduzido pelo grupo R. Carvalho, seguido por Assaí, Atacadão e Vitróia Atacadão. Esse novo modelo de varejo passou a competir diretamente com os formatos tradicionais de comércio alimentar - feiras livres, mercearias de bairro, mercados de vizinhança e supermercados convencionais. Os atacarejos, devido à sua grande área de venda, ampla variedade de produtos e maior poder de negociação junto aos fornecedores, conseguem oferecer preços mais competitivos aos consumidores. Essa vantagem econômica tem sido decisiva para famílias que buscam reduzir os gastos com alimentação, fato que explica o crescimento contínuo da participação desses estabelecimentos nas vendas do setor supermercadista brasileiro, conforme demonstra o ranking da ABRAS (2024).

Tabela 1. Classificação dos estabelecimentos do setor supermercadista pesquisados em Picos.

Estabelecimento	Tipologia	Ano de instalação da loja	Nº funcionários da loja	Área aproximada de venda da loja em M ²
Supermercado Barbosa	Mercado de vizinhança	2021	7	350
Granja O Edilson	Mercado de vizinhança	2022	7	250
Dular	Supermercado	2009	25	700
Ki Preço - Centro	Supermercado	2013	42	500
Atacarejo Duas Barras – Junco	Supermercado	2018	48	900
Atacarejo Duas Barras – Centro	Supermercado	2023	15	300
R. Carvalho	Atacarejo	2008	149	6000
Assáí Atacadista	Atacarejo	2019	300	6000
Vitróia Atacadão	Atacarejo	2020	115	4000
Atacadão*	Atacarejo	2020	Sem informação	6000

Fonte: pesquisa de campo realizada pelos autores em 2023. * O gerente da loja recusou conceder a entrevista, alegando ser a política da empresa.

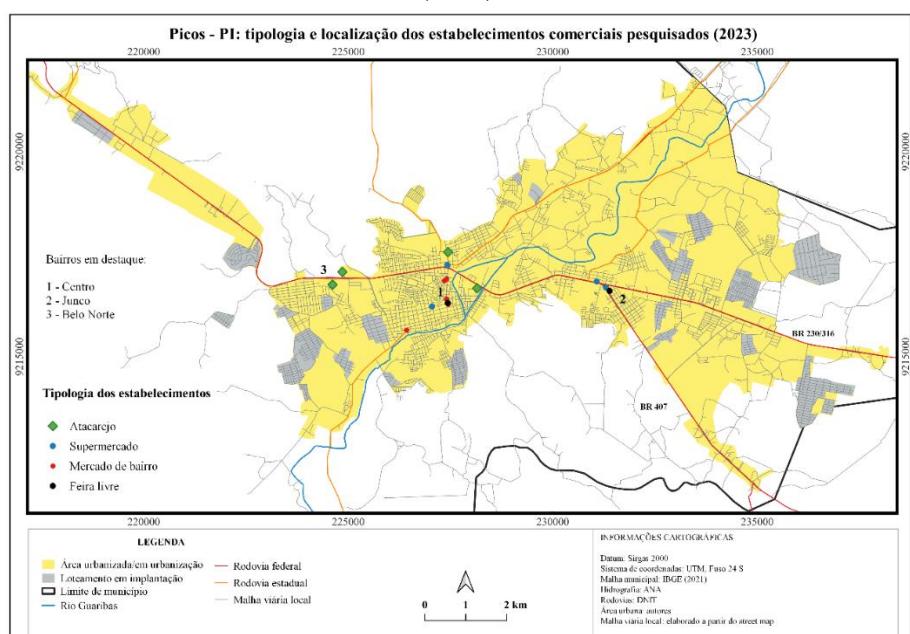
Em um contexto regional marcado por cidades de pequeno porte (abaixo de 20 mil habitantes) e pela menor complexidade estrutural do setor supermercadista, as lojas no formato atacarejo têm expandido sua área de influência. Essa expansão é evidenciada tanto por consumidores de municípios vizinhos que se deslocam até Picos para realizarem compras mensais, quanto por pequenos comerciantes que utilizam a possibilidade de compras no atacado para abastecerem seus estabelecimentos, conforme relatos dos entrevistados. Esse processo de concentração da capacidade comercial desses grupos ultrapassa a escala municipal.

Os entrevistados destacaram que os atacarejos introduziram inovações na região de Picos, como: oferta de cartões de crédito próprios, possibilidade de compras a prazo e por meio digital (via aplicativo), além da diversificação de produtos. Essas inovações intensificaram a competição no setor. A maior complexidade e escala operacional permitem que esses grupos atuem em rede, seja através de centros de distribuição próprios ou por meio de parcerias com grandes produtores de hortifrútis.

No que diz respeito à localização no tecido urbano de Picos (Figura 4), os atacarejos estão predominantemente situados ao longo da rodovia BR-230/316, devido à necessidade de grandes áreas para construção das lojas e estacionamentos. A exceção é o Vitória Atacadão, localizado em uma via menos movimentada, porém de fácil acesso. Esses estabelecimentos vêm transformando as práticas espaciais dos cidadãos e a estrutura urbana de Picos, criando novos vetores de expansão urbana (Pereira e Silva, 2025).

A escolha por cidades menores por esses grupos revela a importância da localização geográfica e da complexidade das funções urbanas, demonstrando uma lógica de desconcentração espacial e estratégias territoriais (Sposito e Sposito, 2017). A concentração desses grandes equipamentos comerciais em uma área específica da cidade modificou a estrutura comercial urbana, intensificando os fluxos da população, especialmente daqueles com veículo próprio, para realização de compras.

Figura 4. Picos-PI: tipologia e localização dos estabelecimentos comerciais pesquisados (2023).



Fonte: Elaborado pelos autores.

A seção de hortifruti, sendo um dos principais atrativos para os consumidores, caracteriza-se por sua ampla área, organização criteriosa e diversidade de produtos originários de diversas localidades. Essa configuração revela a complexidade do circuito espacial produtivo no setor, no qual diferentes agentes atuam nas etapas de produção, distribuição e comercialização, intensificando as relações econômicas e ampliando as escalas de atuação. Nesse processo, os alimentos são incorporados à lógica mercantil, percorrendo extensos trajetos até alcançar o consumidor final.

O conceito de circuito espacial produtivo, conforme Castillo e Frederico (2010), abrange as fases de produção, distribuição, troca e consumo, integrando componentes geográficos e atores sociais distribuídos em diferentes espaços. Como resultado, observam-se constantes transformações nas escalas espaciais dos alimentos, ampliando progressivamente as distâncias entre os agentes econômicos e os consumidores finais.

A expansão desses circuitos produtivos relaciona-se diretamente com o aprofundamento da divisão territorial do trabalho, onde Estado e grandes corporações geram dinâmicas espaciais vinculadas à concepção da alimentação como mercadoria. Como destacam Castillo e Frederico (2010, p. 471), "a forma histórica atual da divisão territorial do trabalho corresponde a uma forma, também historicamente determinada, de circulação".

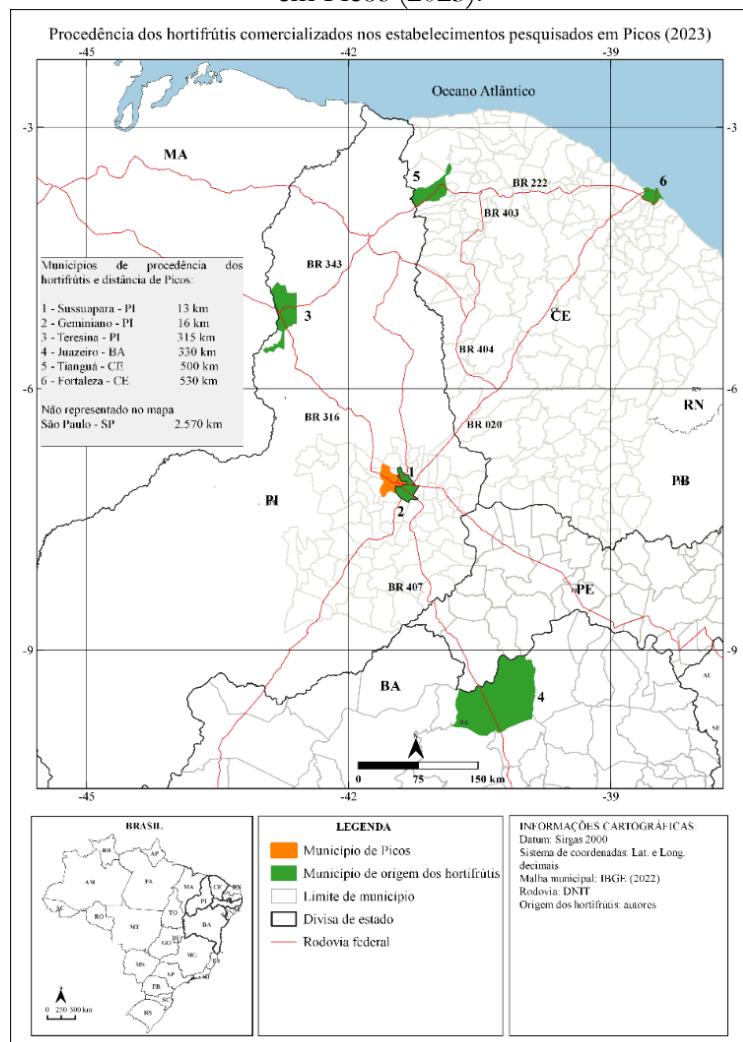
No setor hortifruti, em particular, as redes supermercadistas implementaram exigências rigorosas quanto à padronização e regularidade nas entregas - conforme relatado pelos entrevistados -, o que limitou significativamente a participação dos fornecedores locais. Como resultado direto desse processo, observou-se uma expressiva ampliação dos circuitos espaciais de abastecimento, com os produtos percorrendo distâncias cada vez maiores até alcançarem os consumidores em Picos.

A procedência dos hortifrúti foi levantada considerando os municípios onde foram emitidas as notas fiscais. Contudo, é importante ressaltar que parte considerável desses produtos é cultivada em outras áreas do país e posteriormente direcionada para centrais de distribuição ou para os centros de abastecimento das redes de atacarejos - aspecto que não pôde ser completamente mapeado devido às limitações metodológicas da investigação.

Conforme ilustrado na Figura 5, a estrutura de abastecimento hortifrutí em Picos caracteriza-se por uma forte dependência de produtos importados de outros estados brasileiros. Destacam-se nesse processo os agentes intermediários localizados nas Centrais de Abastecimento (CEASAs) de Juazeiro (BA) e Tianguá (CE), além dos atacarejos que

operam através de centros de distribuição próprios, ampliando assim as redes de fornecimento e a complexidade dos circuitos produtivos.

Figura 5. Procedência dos hortifrúrtis comercializados nos estabelecimentos pesquisados em Picos (2023).



Fonte: Elaborado pelos autores.

O atacarejo Assaí exemplifica claramente o fenômeno dos "alimentos viajantes", com suas hortaliças folhosas sendo transportadas por mais de 500 km desde Fortaleza (CE) até Picos. Caso similar ocorre no supermercado Atacarejo Duas Barras, cujo proprietário - além de manter duas lojas em Picos - atua como atravessador na Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo (CEAGESP), situada na cidade de São Paulo, utilizando essa estrutura para abastecer suas unidades picoenses com hortifrúrtis, exceto alface e coentro, adquiridos de produtores dos municípios vizinhos de Sussuapara e Geminiano.

O Atacarejo R. Carvalho opera através de um centro de distribuição em Teresina, contando com um departamento de compras especializado e frota refrigerada própria para

abastecer sua loja em Picos duas vezes por semana. Já o Supermercado Ki-Preço, com quatro unidades na cidade (três no centro e uma no Junco), abastece-se na CEASA de Juazeiro (BA) para produtos menos perecíveis, enquanto as hortaliças folhosas vêm de produtores locais de Picos e Dom Expedito Lopes.

Essa configuração cria um espaço geográfico marcado pela fluidez de alimentos de longa distância e pela atuação de intermediários de médio e grande porte. Os agricultores familiares locais, incapazes de atender às exigências contratuais (escala, regularidade e padrões estéticos), são progressivamente excluídos do circuito, desestruturando as cadeias produtivas no âmbito estadual. Como resultado, os produtos externos competem desigualmente com os locais, inibindo o desenvolvimento da horticultura regional.

As estratégias de precificação das redes - como a criação do "dia da feirinha" com produtos promocionais (Mariano, 2002) - beneficiam os consumidores com preços baixos, mas pressionam os fornecedores a reduzirem suas margens (Segrelles, 2010). Essa "guerra de preços", embora atraia clientes, prejudica os produtores rurais no início da cadeia e inviabiliza a participação dos pequenos agricultores locais. Como destaca Oliveira (2010), ocorre uma sujeição da renda da terra ao capital comercial, com a apropriação do trabalho agrícola mal remunerado. A entrada dos grandes grupos supermercadistas marginaliza os pequenos produtores, gerando impactos sociais, produtivos e territoriais (Segrelles, 2010; Bava, 2012).

Em contraste com esse modelo, as feiras livres emergem como espaços alternativos de comercialização, possibilitando o encontro direto entre produtores e consumidores locais. O próximo item analisará especificamente a dinâmica nas duas feiras livres existentes em Picos enquanto alternativa socioeconômica no circuito hortifruti regional.

Feira livre: espaço de consumo e sociabilidade

As feiras livres são territorialidades efêmeras e repetidas semanalmente no mesmo espaço e têm a funcionalidade de um nó importante de relações sociais, uma vez que envolvem populações de várias localidades. Para Saquet (2015), quando um grupo de pessoas ocupa frequentemente determinados espaços, ocorre uma apropriação simbólica e concreta sem titulação, mas com demarcação, intencionalidade e interferência com presença naquele espaço, construindo seu território de atuação.

Gonçalves e Holanda (2017, p. 72) enfatizam, numa análise histórica, que “as primeiras feiras nordestinas se caracterizavam, sobretudo, por serem espaços de comércio

do gado, tendo grande importância na formação de núcleos de povoamento". Esse fato mostra-se presente no processo de configuração territorial de Picos, uma vez que a cidade tem sua origem vinculada às atividades pastoris realizadas nas margens do rio Guaribas, em virtude das boas condições geoambientais do vale que atraíram criadores e, posteriormente, compradores para realizarem comércio na região.

Em Picos, a feira livre consolida-se como um espaço multifuncional que integra comércio, socialização e produção de territorialidades. Diferentemente das grandes redes varejistas, esse ambiente propicia encontros sociais recorrentes entre seus frequentadores, constituindo-se como uma prática comercial tradicional que persiste na cidade como forma peculiar de uso do espaço público urbano.

No contexto das primeiras décadas do século XXI, essas feiras representam uma resistência à expansão do varejo corporativo, destacando-se pela oferta de produtos regionais e pelas interações sociais que atraem um público fiel. Segundo Santos e Silveira (2001), as feiras livres integram o circuito inferior da economia urbana, caracterizando-se pela dinâmica socioeconômica que envolve múltiplos agentes.

Os produtores-feirantes são os que produzem a totalidade ou parte dos itens comercializados, estão inseridos dentro de uma lógica que contribui para fomentar a produção e a coesão territorial ao valorizar alimentos e a geração de trabalho locais. Nessa linha de raciocínio, a feira livre é potencializada por circuitos curtos. Bava (2012) sintetiza a concepção de circuitos curtos e suas múltiplas dimensões:

Os circuitos curtos buscam que a produção e o consumo, sempre que possível, se deem no mesmo território, beneficiando sua cidade ou região. Não se trata apenas de encurtamento de distâncias, mas de estruturar uma economia de empresas locais, pequenas e grandes, que estimulem a circulação de riqueza no local, articulem cadeias, absorvam mão de obra local, necessitem pouco capitais e utilizem baixa tecnologia, abrindo espaço para que estas iniciativas sejam também empreendimentos populares (Bava, 2012, p. 181).

Os circuitos curtos de produção e consumo, protagonizados por agricultores familiares, constituem um eixo fundamental da economia local, promovendo a articulação de cadeias produtivas regionais. Estes se contrapõem diretamente aos circuitos longos dominados por atravessadores e grandes redes supermercadistas que transformam os alimentos em meras mercadorias, sendo os principais responsáveis pelo fenômeno dos "alimentos viajantes".

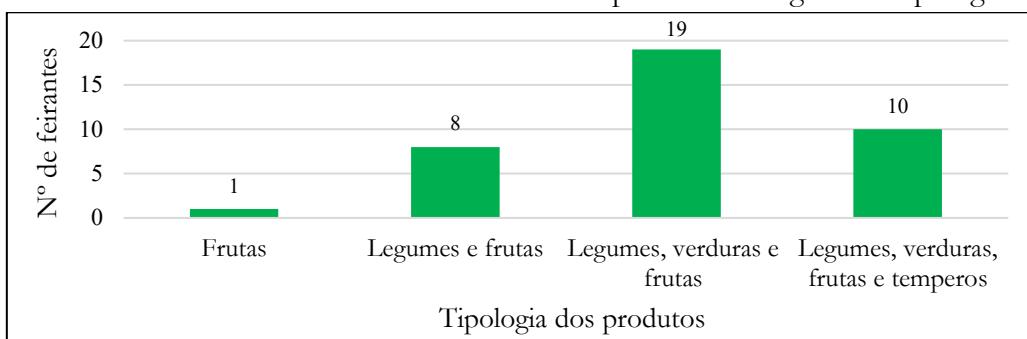
Na estrutura das feiras livres, podemos identificar dois perfis distintos de vendedores. O primeiro grupo compreende os produtores-feirantes, que comercializam predominantemente sua própria produção, eventualmente complementada com aquisições de outros agricultores. O segundo grupo é formado por feirantes-atravessadores, que atuam como intermediários especializados, vendendo exclusivamente produtos cultivados por terceiros. Neste último caso, as fontes de abastecimento variam desde a Central de Abastecimento de Juazeiro (BA) até, como relatado nas entrevistas, pequenos feirantes que adquirem seus produtos de atravessadores locais que fazem a distribuição em Picos. Esta segunda modalidade ocorre porque pequenos feirantes, devido às limitações de escala e aos custos logísticos, não têm condições de se deslocar até a CEASA para compras diretas.

O sistema de intermediação comercial de hortifrúti em Picos conta com agentes especializados, em sua maioria proprietários de caminhões que realizam compras semanais na CEASA de Juazeiro (BA). Estes atravessadores desempenham um papel tripleno: (1) revendem parte das mercadorias para pequenos mercados de vizinhança; (2) abastecem feirantes locais; e (3) mantêm suas próprias bancas nas feiras livres do centro e do bairro Junco. Esta complexa rede de intermediação resulta na ampliação e diversificação dos agentes atuantes no circuito espacial produtivo regional, criando uma teia de relações comerciais englobando os grandes centros de abastecimento até o consumidor final.

A necessidade de fortalecer a produção de alimentos hortícolas no âmbito local não significa eliminar os provenientes de outras regiões, mas possibilitar que os alimentos de maior perecibilidade, como as folhosas e outros que possam ser cultivados na região, sejam incentivados como parte da estratégia de segurança alimentar e nutricional, ou numa abordagem de circuito curto que enfatiza os hábitos locais, o saber-fazer e o compromisso com o desenvolvimento econômico e justiça social.

O gráfico 1 apresenta o grupo de produtos comercializados por banca nas feiras livres de Picos, onde é possível perceber que vários podem ser produzidos em âmbito local e regional. Desta forma, é preciso pensar em uma visão sistêmica integrando o campo e a cidade como espaços de articulação e complementariedade.

Gráfico 1. Produtos comercializados por feirante segundo a tipologia.

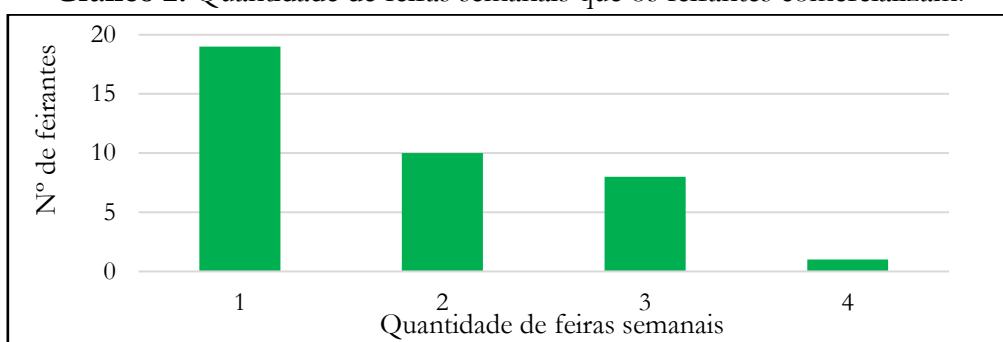


Fonte: Autores, 2023.

A aquisição de alimentos nas feiras livres envolve dimensões econômica, produtiva e sociocultural. A comercialização realizada pelo produtor-feirante tem como base a manutenção do trabalho familiar e a produção de alimentos no âmbito local, pois este sujeito social se caracteriza como central na valorização do saber-fazer historicamente construído ou na adoção de novas tecnologias produtivas. A renda gerada é reinvestida na propriedade e outra parte é gasta no comércio local, impulsionando a economia municipal.

O Gráfico 2 revela a frequência semanal com que os feirantes comercializam seus produtos, destacando o papel fundamental das feiras para a economia local e regional, alguns atuam em outras cidades. Essa dinâmica demonstra como o ato de comprar nas feiras vai além da simples aquisição de alimentos - representa um importante gesto social que: sustenta o trabalho e a renda das famílias de produtores-feirantes; permite aos consumidores conhecerem melhor a origem e as características dos produtos; e, por fim, facilita a identificação dos métodos de produção (agroecológicos ou convencionais). Dessa forma, as feiras consolidam-se como espaços vitais para a economia circular regional, conectando diretamente produtores e consumidores numa relação transparente e socialmente responsável.

Gráfico 2. Quantidade de feiras semanais que os feirantes comercializam.



Fonte: Autores, 2023.

Em relação à origem dos alimentos comercializados nas feiras de Picos (Tabela 2), foi possível, a partir das entrevistas, compreender o papel do agente intermediário e das CEASAs como integrantes do circuito espacial produtivo, reforçando uma característica local de baixo nível de produção hortícola e, ainda, o consequente fluxo de alimentos provenientes de outros estados.

Tabela 2: Origem dos hortifrúti comercializados nas feiras livres de Picos, 2023.

Origem	Feirante
Produz tudo o que vende	1
Ceasa - Juazeiro - BA	16
Intermediário local	19
Ceasa - Tianguá - CE	1
Iguatu e Missão Velha - CE	1

Fonte: Autores, 2023.

As feiras livres exemplificam as dinâmicas do rural-urbano, dada a importância produtiva e social que os feirantes exercem no abastecimento urbano. Esse espaço comercial fortalece os vínculos locais e regionais, pois muitos feirantes residem em municípios próximos a Picos e têm nesta cidade seu principal mercado consumidor. As feiras livres funcionam como nós centrais na trajetória da produção hortifrúti local e regional, sendo espaços fundamentais na tríade produção-comercialização-consumo.

O comércio em Picos apresenta complexidade: de um lado, incorpora vetores da globalização através das grandes redes varejistas que impõem uma nova ordem; de outro, as feiras livres mesclam circuitos curtos que resistem a essa prática hegemônica, criando uma contraordem - ainda que dependente dos longos deslocamentos de alimentos e da ação de atravessadores.

A cidade absorve práticas culturais externas, mas mantém espaços de resistência no âmbito comercial. As feiras livres destacam-se como protagonistas de manifestações socioculturais resilientes. Sua permanência, mesmo com a expansão dos supermercados e seus setores de hortifrúti diários, demonstra que os espaços de comércio popular continuam valorizados e frequentados. Isso se deve à diversidade de produtos, preços competitivos e, não menos importante, à função de sociabilidade que exercem para parte dos clientes e como fonte de trabalho (Sato, 2012).

Segundo Mascarenhas e Dolzani (2008), as feiras livres representam mecanismos de sobrevivência para muitas famílias de baixa renda, gerando emprego e renda enquanto

oferecem aos consumidores alternativas de aquisição de diversos produtos. Também se configuram como resistência ao processo de negação do espaço público que tem marcado a urbanização brasileira nas últimas décadas.

O poder público municipal pode fomentar a instalação de novas feiras livres em Picos, com funcionamento em horários alternativos como no período da tarde/noite. Experiências exitosas, como a de Presidente Prudente - SP, mostraram que isso possibilita maior frequência da população, elevando as vendas dos feirantes e fortalecendo os circuitos de proximidade (Pereira, 2020). Picos apresenta potencial socioambiental para expansão temporal e espacial das feiras livres como forma de promover a economia agrícola local e regional.

Considerações finais

O alargamento nas esferas da produção e da troca gera múltiplas consequências nos lugares e para os sujeitos. Mudanças substanciais ocorrem no âmbito da produção local, devido às dificuldades produtivas e de inserção dos produtos nos mercados, dada a acentuação da concorrência com produtos vindos de outras áreas/regiões. O aumento da concentração do capital mercantil por grupos nacionais e internacionais nos últimos anos, como exemplificado pelas redes Atacadão e Assaí, tem mudado a geografia da produção e do consumo de alimentos hortícolas e frutas em Picos. A capacidade de atração de clientes realizada por esses grupos, com promoções no setor de hortifrúti e as facilidades de pagamento no cartão de crédito a prazo, gera fluxos significativos às lojas.

Os intercâmbios se efetivam de forma mais intensa entre produtores e intermediários de outras localidades e agentes supermercadistas situados em Picos. As grandes empresas articulam distintos espaços e agentes para a consecução de seus interesses mercantis, fomentando a intensificação dos fluxos materiais e imateriais em múltiplas escalas geográficas. Pequenos produtores locais, dada a produção restrita, a dificuldade em garantir a regularidade e a padronização dos produtos, são relegados pelos grandes estabelecimentos.

O capital supermercadista e os atravessadores se apoiam na constituição da distribuição em rede para estruturar a circulação do alimento em sua dimensão mercadológica. Os pequenos produtores têm dificuldades técnicas e financeiras para cumprir as exigências de qualidade e regularidade impostas pelas grandes empresas varejistas, comprometendo sua atividade e sua capacidade de geração de renda no âmbito familiar e na economia local. Dessa forma, as grandes redes vinculam-se a médios e grandes produtores

que conseguem manter a regularidade na oferta e um certo padrão de qualidade, além de preços mais atrativos para a rede varejista.

Como resultado, está ocorrendo a ampliação das conexões entre redes varejistas e os produtores mais capitalizados, desde produtos com alta perecibilidade (folhosas) até aqueles que suportam longas viagens e não requerem sistemas de refrigeração.

As feiras livres consistem em uma modalidade de comércio varejista, de periodicidade semanal, são locais de grande fluxo de pessoas e, dessa forma, um espaço de socialização e produção de territorialidades. As feiras livres foram relevantes na formação e configuração das cidades. Atualmente, elas representam resistência à expansão do setor supermercadista, pois apresentam particularidades em relação aos outros comércios. É um comércio dinâmico, onde há encontros periódicos entre vendedores, compradores e múltiplos frequentadores, ou seja, uma manifestação do uso do espaço público urbano.

Agradecimentos

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão da bolsa PIBIC-EM durante a realização da pesquisa.

Referências

- ABRAS - Associação Brasileira de Supermercados. **Ranking Abras/SuperHiper 2024.** Disponível em: <https://superhiper.abras.com.br/pdf/302.pdf>. Acesso em: 20 set. 2024.
- BAVA, Silvio Caccia. Circuitos curtos de produção e consumo. In: Heinrich Boll Foundation. **Um campeão visto de perto:** Uma análise do modelo de desenvolvimento brasileiro. Rio de Janeiro, Heinrich Böll Foundation, 2012, p. 178-187, 2012.
- BEZERRA, Juscelino Eudâmidas.; AGNER, Marcelo Ramalho. A dinâmica geográfica do setor supermercadista em Brasília (DF). **Revista Sociedade e Natureza**, v.33, p. 1-11, set. 2021. Disponível em:
<https://seer.ufu.br/index.php/sociedadenatureza/article/view/59769/32552>. Acesso em: 10 fev. 2024.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo Agropecuário de 2017.** Brasília, 2017.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo Demográfico de 2022.** Brasília, 2022.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Malha municipal.** Brasília, 2024.
- CASTILLO, Ricardo. FREDERICO, Samuel. Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo. **Revista Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v.22, n. 3, p. 461-474, dez. 2010. Disponível em:
https://seer.ufu.br/index.php/sociedadenatureza/article/view/11336/pdf_10. Acesso em: 15 ago. 2024.

CONCHA-AMIN, Mônica.; AGUIAR, Danilo Rolim Dias. Concentração industrial, fusões e turnover no setor supermercadista brasileiro. **Revista Gestão & Produção**. v.13, n.1, p. 45-56, jan – abr. 2006. Disponível em:
<https://www.gestaoeproducao.com/archive#nav19>. Acesso em: 10 jun. 2023.

ESTEVE, Esther Vivas. **O negócio da comida:** quem controla nossa alimentação?. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

GONÇALVES, Luiz Antônio Araújo.; Holanda, Virginia Célia Cavalcante(2017). As feiras populares no Nordeste Brasileiro: aportes iniciais. **Revista de Geografia**, v. 34, n. 2, p. 71-85, 2017. Disponível em:
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistageografia/article/view/229253/2362>
1. Acesso em: 15 jun. 2024.

MARIANO, Jefferson. Estrutura de mercado e tendências da atividade comercial. **Revista Gerenciais**, v. 01, n.01, p. 55-88, 2002. Disponível em:
<https://periodicos.uninove.br/riae/article/viewFile/13007/6461>. Acesso em: 17 jun. 2024.

MASCARENHAS, Gilmar.; DOLZANI, Miriam Cristina da Silva. Feira livre: Territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. **Ateliê Geográfico**, v. 2, n. 2, p. 72–87, set. 2008. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/atelie/article/view/4710>. Acesso em: 15 jun. 2024.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. Agricultura e Indústria no Brasil. **Revista Campo-Território:** revista de geografia agrária, v.5, n.10, p. 5-64, ago. 2010. Disponível em:
<https://seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/12048>. Acesso em: 15 set. 2024.

PEREIRA, Claudinei da Silva. **Agricultura, abastecimento e consumo na Aglomeração Urbana de Presidente Prudente –SP.** Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia - Presidente Prudente, 2020.

PEREIRA, Claudinei da Silva.; SILVA, Nildemar Pereira da. As dinâmicas da expansão do tecido urbano em Picos –PI. **Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS)**, v. 27, n. 1, p. 136–160, fev.2025. Disponível em:
[/rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/1032](http://rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/1032). Acesso em: 15 set. 2024.

POLANYI, Karl. **A grande transformação:** as origens de nossa época. Tradução Fanny Wrobel. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

SANTOS, Milton.; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil:** território e sociedade no início do século XXI. 11.ed. São Paulo: Record, 2001.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Por uma Geografia das territorialidades e das temporalidades:** Uma concepção multidimensional voltada para o desenvolvimento territorial. 2.ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

SATO, Leny. **Feira livre:** Organização, trabalho e sociabilidade. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SEGRELLES, José Antonio. La distribución agroalimentaria y su influencia en la pobreza campesina. **Revista Scripta Nova**, v. XIV, n. 325, p. 1-26, jun. 2010. Disponível em:
<https://revistes.ub.edu/index.php/ScriptaNova/article/view/1631>. Acesso em: 12 out. 2024.

SILVA, Carlos Henrique Costa da. O papel dos supermercados e hipermercados nas relações entre cidade, comércio e consumo. **Revista Geografia**, v. 30, n. 3, p. 610-625, set./dez. 2005. Disponível em:

<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/738>.

Acesso em: 20 ago. 2024.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão.; SPOSITO, Eliseu Savério. Articulação entre múltiplas escalas geográficas: lógicas e estratégias espaciais de empresas. **Geousp – espaço e Tempo (Online)**, v.21, n.2, p.462-479, ago, 2017. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/131655>. Acesso em: 19 set. 2024.

VALÉRIO, Valmir José de Oliveira. A relação rural-urbano e o abastecimento alimentar: da dicotomia à indissociabilidade. **Revista Campo-território: revista de Geografia Agrária**, v.18, n.49, p. 241-259, abr.2023. Disponível em:

<https://seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/issue/archive>. Acesso em: 15 set. 2024.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. O mundo rural brasileiro: acesso a bens e serviços e integração campo-cidade. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v.17, n. 1, p. 60-85, abr. 2009. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/308>. Acesso em: 15 jan. 2024.

Recebido em: maio de 2025
Aceito em: setembro de 2025